

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE  
FACULDADE DE FILOSOFIA  
Departamento de Graduação

Eduardo Vieira Semente

**O Enquadramento da Crítica da Razão Histórica na Fundamentação Filosófica da  
Hermenêutica em Wilhelm Dilthey**

Maputo 15 de Março 2024

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE  
FACULDADE DE FILOSOFIA  
Departamento de Graduação

Eduardo Vieira Semente

**O Enquadramento da Crítica da Razão Histórica na Fundamentação Filosófica da  
Hermenêutica em Wilhelm Dilthey**

Monografia Científica apresentada à  
Faculdade de Filosofia da Universidade  
Eduardo Mondlane, como requisito  
parcial para a obtenção do grau  
académico de Licenciado em Filosofia.

Tutor: Mestre Elias Judite Macuácuá

Maputo 15 de Março de 2024

## DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, Eduardo Vieira Semente, titular do B.I nº 040801497618M, emitido pela Direcção de Identificação Civil da Cidade de Maputo, aos 14/10/2021. Declaro que esta pesquisa científica é resultado da minha investigação pessoal sob a orientação do tutor, o seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas na bibliografia final e declaro ainda que esta monografia científica nunca foi apresentada em nenhuma outra instituição para obtenção de qualquer grau académico nem como forma de avaliação.

Maputo, aos 15 de Março de 2024

(Eduardo Vieira Semente)

## DEDICATÓRIA

A minha mãe Paulina Razão, apesar da distância, as suas palavras eram de enorme satisfação.

À minha esposa Regina Armando Mendonça, que me apoiou com palavras de progressão e de suporte.

Aos meus filhos Kennedy Eduardo e Julieta Eduardo, ambos se riam de mim, de tantos fragmentos de papéis ao redor, o que eles não sabiam, é que a presença deles era um incentivo.

Ao Senhor Luís Matana, o administrador da empresa MeN Serviços Gráfica em Maputo, aonde eu trabalhava em enquanto estudava no curso nocturno, onde a maior parte das copias assim como a própria internet e palavras sábias e de conforto vinham por parte deste grande e benevolente homem que serviu como pai científico e os demais parentes, sem mencionar nomes, para não entrar em contradição.

Aos meus amigos achegados e aos que se manifestavam directa ou indirectamente com palavras sábias e material nos meus estudos.

Aos meus Docentes da faculdade de Filosofia, que por muito tempo me suportaram, me lapidaram do senso comum ao conhecimento científico, tudo isto desagua no mais conhecimento absoluto (Deus), que dá o dom da vida.

.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom de vida.

A minha família, em particular a minha mãe, esposa e irmãos que sempre me apoiaram e sempre acreditaram no meu trabalho.

A Regina minha esposa, pela compreensão, pela confiança, pelo apoio incondicional, por ter acreditado em mim, pela cumplicidade, pelo incentivo, pela ajuda, por tudo o que passamos juntos e pelo Amor que nos une e sonhos que desejamos.

Ao meu supervisor, Mestre Elias Judite Macuácuá pelo paciente acompanhamento pedagógico que tornou possível a realização desta pesquisa.

Ao corpo docente da Faculdade de Filosofia da UEM, pelo acompanhamento, ensinamento, crítica e aprendizado.

Aos meus colegas de Turma, em particular ao meu colega Silva Martinho pela compartilhada interação pela ajuda prestada, colaboração, compreensão, amizade e interesse demonstrados nos bons e maus momentos na caminhada estudantil.

*Só compreendemos e definimos um ser humano sentindo com ele e vivenciando com ele. Só compreendemos pelo amor. E precisamos aproximar-nos especialmente de uma vida ainda não desenvolvida, pela arte do amor, pela redução de nossos próprios sentimentos na direcção do obscuro, não desenvolvido, infantil, puro (DILTHEY, 2010: 479).*

## RESUMO

Este trabalho apresenta como tema: O Enquadramento da Crítica da Razão Histórica na Fundamentação Filosófica da Hermenêutica em Wilhelm Dilthey. O mesmo pretende reflectir sobre as bases da hermenêutica filosófica à luz da crítica da razão histórica, e as suas contribuições para a compreensão dos desafios da fundamentação de um método para as ciências do espírito. Para a concepção deste fim, apresenta-se, primeiro, o contexto sociopolítico e epistemológico em que ocorre a formação do pensamento de Dilthey sobre a sua teoria hermenêutica e as principais influências ao seu pensamento; no segundo momento, procura-se compreender os fundamentos da hermenêutica e a sua pertinência para o debate sobre a crítica da razão histórica; e, por último, analisa-se o impacto filo-hermenêutico da crítica da razão histórica na fundamentação da metodologia das ciências do espírito. O trabalho vale-se do método bibliográfico, que consiste na pesquisa e consulta de obras de Wilhelm Dilthey e outras, afins a temática em abordagem e, obedece, como técnica, à hermenêutica textual. Os dados levantados pela análise do referencial teórico demonstram a necessidade de novas abordagens hermenêuticas, sobretudo, na fundamentação das ciências do espírito onde nota-se certa hegemonia causada pelo método positivo usado para o estudo das ciências naturais. A crítica da razão histórica proposta por Dilthey propõe-se a repensar a hermenêutica filosófica sob novas possibilidades teóricas e metodológicas. Esta proposta mostra-se inovadora pelo facto de estabelecer diferenças entre a lógica do conhecimento nas ciências naturais e nas ciências humanas, buscando novos fundamentos filosóficos e epistemológicos de uma forma de conhecimento científico alternativo ao conhecimento positivista e naturalista. Pelo que, na visão diltheyana, as ciências que têm a realidade sócio-histórica como seu objecto de estudo buscam, mais intensamente do que antes, as relações sistemáticas entre elas e com os seus fundamentos.

**Palavras-chave:** Hermenêutica; Consciência histórica; Ciências do Espírito; Compreensão; Vida; Mundividência.

## INDICE

INTRODUÇÃO .....	8
CAPÍTULO I: CONTEXTUALIZAÇÃO DO PENSAMENTO HERMENÊUTICO DE DILTHEY .....	10
1. Gênese do Pensamento Filosófico-Hermenêutico de Dilthey.....	10
2. Principais Influências à Hermenêutica Filosófica de Dilthey .....	12
2.1. Hegel: A Fenomenologia do Espírito.....	12
2.2. A Expansão da Modernidade: O Método Positivo.....	14
2.3. Schleiermacher: A Ideia de uma Hermenêutica Geral .....	16
3. A Revolução Diltheyana no Debate Filosófico sobre a Hermenêutica .....	18
CAPÍTULO II: FUNDAMENTOS PARA UMA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA EM WILHELM DILTHEY .....	21
1. A Crítica da Razão Histórica enquanto Alternativa ao Método das Ciências Naturais .....	21
2. A Ideia de uma Nova Metodologia para as Ciências do Espírito.....	23
3. O Papel da Compreensão na Fundamentação Filosófica da Hermenêutica .....	26
CAPÍTULO III: A HERMENÊUTICA FILOSÓFICA ENQUANTO REINSERÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA .....	29
1. O Contributo da Historicidade na Hermenêutica de Dilthey .....	29
2. O Alcance da Mundividência à Luz da Hermenêutica Filosófica.....	32
3. Por uma Hermenêutica Filosófica Virada para a Compreensão da Vida .....	34
CONCLUSÃO .....	38
APÊNDICE – Vida e obras de Wilhelm Dilthey .....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41



## INTRODUÇÃO

*O Enquadramento da Crítica da Razão Histórica na Fundamentação Filosófica da Hermenêutica em Wilhelm Dilthey* é o tema sobre o qual versa o presente trabalho. O mesmo levanta como problema de pesquisa a incompatibilidade metodológica das ciências naturais face à fundamentação filosófica-hermenêutica das ciências do espírito. E a partir disso, coloca-se como pergunta de pesquisa a seguinte: *Que contributo epistemológico a crítica da razão histórica de Dilthey oferece para a fundamentação filosófica da hermenêutica?*

A escolha do tema justifica-se pelo facto de que, no âmbito científico e académico, o pensamento de Wilhelm Dilthey, sobretudo, dentro do campo filosófico, apresenta uma ousada e colossal novidade acerca da hermenêutica, trazendo para o cerne do debate elementos como a compreensão, vivência, o conceito de vida, a consciência histórica, etc., que possibilitam a reformulação teórica e metodológica das ciências do espírito ou humanas. E essa proposta evidencia uma tentativa de sair da hegemonia metódica propagada pelas ciências naturais, de forma especial, o positivismo, que excluía outras formas de saber que não fossem das ciências naturais.

A inovação deste trabalho reside justamente no facto de que o mesmo discute, fundamentalmente, a tentativa de Wilhelm Dilthey, de estabelecer diferenças entre a lógica do conhecimento nas ciências naturais e nas ciências humanas, buscando novos fundamentos filosóficos e epistemológicos de uma forma de conhecimento científico alternativo ao conhecimento positivista e naturalista. Pelo que, na visão deste autor, as ciências que têm a realidade sócio-histórica como seu objecto de estudo buscam compreender o homem enquanto um ser histórico.

Portanto, ao analisar a causalidade na história, criticando a visão positivista e empirista, Dilthey afirma não ser possível no campo das ciências do espírito ou das ciências humanas, falar-se em leis gerais. Por isso, questiona o conceito de causa, pois, para ele, esse conceito implica a ideia de necessidade e inexorabilidade. Sendo mais correcto pensar-se em termos de motivos, de desejos para fundamentar a hermenêutica.

No que refere aos objectivos do trabalho,este pretende de, forma geral, reflectir sobre o enquadramento da crítica da razão histórica na fundamentação filosófica da hermenêutica em Wilhelm Dilthey, E, de forma específica, i) contextualizar a formação do pensamento hermenêutico de Dilthey e as principais influências; ii) compreender os fundamentos para uma hermenêutica filosófica em wilhelm dilthey; e, por fim, iii) analisar o impacto filosófico da reinserção da consciência histórica no debate hermenêutico.

O trabalho obedece o método de pesquisa bibliográfica que consiste na pesquisa e consulta de obras de Wilhelm Dilthey e outras afins a temática em epígrafe. Tem-se auxílio da técnica hermenêutica, que consiste na leitura, interpretação e confrontação das ideias do autor em voga e dos demais textos seleccionados.

Quanto à estrutura, o trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, intitulado *Contextualização do Pensamento Hermenêutico de Dilthey*, apresentam-se possíveis elementos sociais, científicos e políticos que possam, de algum modo, ter determinado com que Dilthey entrasse no debate hermenêutico, tendo como foco principal as razões de ordem epistemológica. No segundo capítulo, com o título *Fundamentos para uma Hermenêutica Filosófica em Wilhelm Dilthey*, abordam-se as principais bases teóricas propostas por Dilthey para a reformulação teórica e metodológica das ciências humanas. E, por último, no terceiro capítulo, *A Hermenêutica Filosófica enquanto reinserção da Consciência Histórica*, procura-se vislumbrar a pertinência do enquadramento da crítica da razão histórica diltheyana no debate filosófico-hermenêutico.

## CAPÍTULO I: CONTEXTUALIZAÇÃO DO PENSAMENTO HERMENÊUTICO DE DILTHEY

No presente capítulo apresentam-se a gêneses do pensamento filosófico do autor e os possíveis elementos sociais e científicos que possam, de algum modo, ter determinado com que Dilthey entrasse no debate hermenêutico, tendo como foco principal as razões de ordem epistemológica e os principais autores que o influenciaram nas ciências do espírito ou humanas.

### 1. Gênese do Pensamento Filosófico-Hermenêutico de Dilthey

O pensamento hermenêutico-filosófico de Wilhelm Dilthey <sup>1</sup> pode ser contextualizado no centro de uma disputa histórica pela legitimidade do conhecimento instaurada após a derrocada dos modelos metafísicos do idealismo alemão, emergindo como opção ao positivismo amplamente disseminado ao longo da época moderna. Porém, importa deixar claro que, se, em toda a Europa, o modelo científico positivista desfrutou de simpatia e aceitação ampla, na Alemanha houve resistência desde a primeira hora.

Imaz (1946: 63) compreende que Dilthey, motivado pelas ideias de Bopp, Humboldt, Ranke, Ritter e Savigny, desde 1850 tinha clareza quanto à urgência de um movimento que tornasse possível a constituição definitiva da ciência histórica e, por meio dela, as ciências do espírito. Esta meta traçada na juventude será a mesma perseguida ao longo de toda a carreira madura, ainda que de modo pouco sistemático e lacunar. Por isso, pouco disposto a acatar o modelo expandido pela doutrina positivista e sem igualmente transigir à alternativa que a filosofia da vontade de poder nietzscheana oferecia, Dilthey investe naquilo que chama de *“tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história”* (DILTHEY, 2011: 23).

A fundamentação proposta por Dilthey decorre do facto deste saber que, tendo em conta a sua época, a situação das ciências humanas era crítica, afinal, as ciências humanas se encontram aparentemente diante da não favorável opção de ter que ceder ao positivismo, acatando um modelo que as trataria com os mesmos moldes das ciências naturais, como a lógica dedutiva, a

---

<sup>1</sup> Vida e obras em apêndice

especulação causal, o procedimento explicativo, a consideração materialista e, sobretudo, a hipostasia do que é conhecido ou, por outro lado, insistir em operar com o paradigma metafísico, desacreditado em sua pretensão de determinar uma instância absoluta na qual se fundamentaria a totalidade dos entes.

A hermenêutica de Dilthey emerge, portanto, com a pretensão de proteger as ciências humanas em seu próprio direito científico contra o avanço da metodologia das ciências naturais. O que leva Grondin (1999: 149) a referir que a hermenêutica diltheyana pretendeu justificar bases gnosiológicas universalmente válidas para o seu campo. Assim, perto do final do século XIX, começou a vislumbrar na hermenêutica o fundamento que precisava (Cf. PALMER, 2011: 105).

No entanto, antes de tudo, é necessário dizer que foi em Schleiermacher que Dilthey viu as bases para a construção de sua teoria: a ideia da hermenêutica como fundamento das ciências humanas surge do interesse de Dilthey pela proposta de Schleiermacher, conforme mostrar-se-á nos pontos subsequentes do trabalho.

Segundo Figal (2007: 81), o pensamento de Dilthey contribuiu para alargar o horizonte da hermenêutica colocando-a no contexto da interpretação dos estudos humanísticos e isto satisfaz dois objectivos básicos: em primeiro lugar, focou o problema da interpretação num objecto com estatuto fixo, duro e imutável, de forma que os estudos humanísticos pudessem ofertar um conhecimento objectivamente válido, pois o objecto em si seria relativamente imutável; em segundo lugar, Dilthey apelava para modos históricos de compreensão, mais do que para modos científicos, a fim de que só se pudesse compreender em referência à própria vida em toda a sua historicidade e temporalidade. Assim, a hermenêutica se pôs no horizonte da historicidade e se colocou os fundamentos do pensamento de Heidegger na temporalidade da autocompreensão.

O resultado da gênese do pensamento filosófico-hermenêutico de Dilthey é que toda a historicidade é única, isto é, cada ser humano tem sua história. Portanto, considera-se que este autor traz reflexões que fazem com que as ciências humanas estejam mais cientes de suas capacidades e de suas funções. Igualmente, as ciências humanas não podem nem devem ser

enquadradas dentro de uma metodologia unitária, pois uma correcta e efectiva teoria das ciências humanas vai além das verdades que procedem do conhecimento científico-objectivo.

Contudo, as contribuições de Dilthey para a hermenêutica são relevantes porque desencadeiam uma discussão que amplia a concepção de círculo hermenêutico, transpondo-o para o campo da compreensão histórica, a que as ciências humanas se dedicam. Defende-se a ideia segundo a qual o particular deve ser compreendido considerando o todo, ou seja, com base na história dele mesmo.

## **2. Principais influências da hermenêutica filosófica de Dilthey**

O pensamento de hermenêutico de Dilthey não se desenvolve de forma solitária. Sofreu influências significativas que, de alguma forma, são notáveis, apesar de não serem totalmente concordantes com os autores que o influenciam. Isto ocorre pelo facto de que diversos autores também se interessaram pelo debate e desenvolvimento da hermenêutica, porém, cada qual procurou desenvolvê-la segundo sua própria perspectiva. Com isso, o debate filosófico-hermenêutico é movido de controvérsias entre os autores, razão pela qual há diferentes concepções sobre a hermenêutica.

### **2.1. Hegel: fenomenologia do Espírito**

Segundo Montez (2004: 39), uma das influências recebidas por Dilthey, no seu pensamento filosófico-hermenêutico, advém da fenomenologia do espírito de Friedrich Hegel. Todavia, embora tenha sido influenciado por este filósofo alemão no que concerne ao conceito “vida”, Dilthey tece críticas consideráveis contra a sua tese idealista da manifestação do espírito absoluto. Isto porque, na concepção de Dilthey, para que se compreenda a ideia da ciência histórica é importante o sujeito seja um ser histórico, pois quem se interessa pela investigação da história torna-se fautor da mesma.

O pensamento diltheyano acima elucidado faz com que este autor converta a questão fenomenológica-metafísica em epistemologia das ciências humanas. E além disso, Dilthey acrescenta à sua teoria a questão da consciência histórica, o que lhe aproxima do pensamento

hegeliano na defesa da vida enquanto processo de mudança histórica. Assim, é possível notar a importância que a consciência histórica assume no pensamento diltheyano como parte estrutural de sua hermenêutica filosófica. Isto porque há um esforço empreendido por este filósofo hermenêutico na constituição de uma metodologia epistemológica para a legitimação de uma cientificidade no campo das Ciências do Espírito.

O projecto diltheyano, contrariamente à fenomenologia idealista hegeliana, visa propor o conjunto de conhecimentos que deriva das diferentes áreas das distintas ciências humanas ao mesmo nível de cientificidade alcançado pelas Ciências da Natureza, na medida em que propõe um rigor metodológico e epistémico necessário às peculiaridades que lhes são próprias, desvalorizando a metafísica, que é a base epistemológica em Hegel. Conforme afirma Casanova na revista científica publicado no seguinte site, [www.revist.filo.br](http://www.revist.filo.br), que afirma:

Para Dilthey, a edificação das ciências humanas deveria ser capaz de dar respostas a algumas das grandes insuficiências e limites de certas tradições do pensamento filosófico e historiográfico. A metafísica, por exemplo, era constantemente apontada como produtora de generalizações abstractas e distantes da experiência vivida concreta. (CASANOVA, *et al* 2010: 67, in revista).

A isto nos dá a entender que Dilthey procura criticar os positivistas de só e só a valorização da qual é conhecimento, simplesmente os que seguem os cânones científicos e este propõem a universalidade, porque também são derivadas da nossa experiência de vida.

Enquanto a fenomenologia hegeliana vê-se limitada considerar os indivíduos como seres indispensáveis para a compreensão da história, Dilthey defende a ideia segundo a qual as questões que dizem respeito a vida do homem devem ser compreendida a partir da vida histórica do mesmo. Por isso, a questão básica da discussão de Dilthey sobre a metafísica está ligada às categorias de substância e causalidade, aplicando-as em relação a eventos naturais e à vida sócio-histórica. Para ele essas categorias não são abstrações aristotélicas de qualidades objectivas da realidade externa, nem relações formais kantianas projectadas pela mente, mas são derivadas de nossa própria experiência de vida.

Dilthey, conforme se pode notar, não é o tipo de pensador para quem a história é entendida meramente em termos dos motivos e acções de indivíduos, conforme pretendia Hegel. Ele

reconhece a necessidade de se trabalhar na direcção de forças sociais já existentes, em contextos mais específicos delineados pela etnologia e pelos sistemas culturais, assim como também, da organização externa da sociedade. Ao invés de procurar uniformidades ou leis que atravessem o conjunto da história humana ou toda a sociedade, como a filosofia especulativa de Hegel da história, Dilthey procura, de certa maneira, uniformidades aplicáveis a factos mais simples dentro dos quais se pode analisar o complexo mais alto do mundo social-histórico do indivíduo. Em função disso, pode se considerar que:

Dilthey percebeu verdadeiramente a inconsciência epistemológica da apreensão a «objectividade» objectividade da «escola histórica» alemã, encerrando-a como uma mistura acrítica das perspectivas idealista e realista. A experiência concreta, histórica e viva, têm que ser o ponto de partida e de chegada (PALMER, 2011: 104).

Contudo, Montez (2004: 45) compreende que o pensamento filosófico-hermeneutico de Dilthey rompe com a visão fenomenológica e metafísica de Hegel, da história como manifestação do espírito absoluto, e toma a posição segundo a qual a realidade histórica é a expressão da vida. E porque a vida é vista como relativa, podendo ser expressa de diversas maneiras, a experiência histórica dos indivíduos assume aspectos de relatividade. Por isso, a perspectiva diltheyana traz, de alguma maneira, inovações em relação a de Hegel, pois Dilthey converte um problema ontológico e metafísico que busca responder sobre o sentido da história, em um problema epistemológico-científico, de como compreender o homem em sua historicidade.

## **2.2. A Expansão da Modernidade: O Método Positivo**

A hermenêutica é uma forma de conhecimento que precede à ciência moderna e apoiada na tradição que ganha novas categorias epistemológicas a partir da introdução da problemática das ciências humanas na segunda metade do século XIX. O método hermenêutico é um método interpretativo, que difere do método das ciências modernas justamente por se referenciar, em última instância, a uma autoridade tradicional. A operacionalidade hermenêutica se dá em um sentido diverso da objectivação científica, à medida que a hermenêutica se realiza numa experiência subjectiva, não possuindo, em princípio, a pretensão de objectividade da ciência moderna. Por isso,

O projecto de formular uma metodologia adequadas as ciências que se centram na compreensão das experiências humanas, sociais e artísticas, é encarado por Dilthey no contexto da necessidade de abandonar a perspectiva mecanicista reducionista das ciências da natureza. É primeiramente encarado por Dilthey no contexto de uma necessidade de abandonar a perspectiva reducionista e mecanicista das ciências naturais, e de encontrar uma abordagem adequada à plenitude dos fenómenos (PALMER, 2006: 106).

Assim há necessidade de abandonar os métodos das ciências, porque trazem uma fronteira entre o que é conhecimento e o que não é, e isto não é adequado a nossa era, visto que não é só a ciência que tem soluções, mas outras áreas do conhecimento (psicologia, sociologia, teologia etc).

A expansão do positivismo traduz-se por uma não menos errónea fragmentação da realidade histórica. A formulação de novas categorias de apreensão do mundo sócio-histórico deveria se inscrever, simultaneamente, em uma teoria do conhecimento capaz de desvendar as condições de possibilidade de ocorrência dos fenómenos e em uma metodologia que pudesse permitir à razão histórica, e às “ciências do espírito”, de um modo geral, alcançar os níveis de objectividade existentes nas ciências naturais.

Indignado com os fundamentos do positivismo, Dilthey se propõe a procurar um método que permita o estudo da sociedade e da história. Este facto é também motivado pela razão de que este autor tem a consciência de que, na sua época, as ciências humanas encontravam-se numa situação bastante crítica, pois estas estariam sujeitas a enquadrarem-se nos moldes das ciências naturais. Ou, por outro lado, estas sujeitar-se-iam em insistir em operar com o paradigma metafísico, desacreditado em sua pretensão de determinar uma instância absoluta na qual se fundamentaria a totalidade dos entes. Por isso, Dilthey considera que *“as ciências humanas ainda não estão constituídas como um todo; elas ainda não estão em condições de apresentar uma conexão, na qual verdades particulares pudessem ser ordenadas segundo suas relações de dependência diante de outras verdades e da experiência”* (DILTHEY, 2010a: 34).

Dilthey, portanto, apresenta uma visão crítica em relação à influência que a metodologia das ciências naturais exerce de forma negativa sobre as outras, pelo que, por esta se valer de



compreensões hipotéticas, hipostasiadas, as ciências naturais fariam com que os objectos das ciências humanas sejam estudados da mesma forma como se estudam os objectos da natureza, observando-os como dados em sua simples aparência e duração, ou seja, como factos brutos. Porém, segundo Dilthey, essa maneira de investigar é reducionista, pois, o método que supostamente obteria resultados válidos e legitimados pelos dados da experiência empírica, promoveria um empobrecimento da experiência que garante o próprio conhecer pela ciência. Além do reducionismo, Dilthey denuncia que as ciências naturais, por serem positivas, exerceriam uma acção “abstrativa” sobre o conhecimento acerca do humano.

### 2.3. Schleiermacher: a ideia de uma hermenêutica geral

A partir da consideração de que é com Schleiermacher que a hermenêutica filosófica apresenta-se como um meio questionar as possibilidades de uma compreensão objectiva, levando em consideração não apenas o contexto em que a compreensão ocorre, mas também preocupar-se em delimitar métodos científicos próprios para evitar mal-entendido e permitir ao intérprete o acesso ao correcto sentido do texto, compreende-se a influência que este autor exerce sobre o pensamento de Dilthey. Pois a Wilhelm Dilthey parte do trabalho de Schleiermacher para direccionar a hermenêutica rumo à fundamentação epistemológica “[...] *das denominadas Ciências do Espírito (Geisteswissenschaften), almejando construir uma teoria objetivamente comprovável que alçasse status científico autônomo em relação às Ciências da Natureza*” (PEREIRA, 2001: 14).

Schleiermacher é o primeiros a falar de uma hermenêutica universal, que pode ser entendida como arte da compreensão. Sendo que, a preocupação originária deste autor é de enfrentar a questão sobre como toda expressão linguística é compreendida. Razão pela qual se considera que, em Schleiermacher, hermenêutica e compreensão se identificam. Ou seja, conforme assegura Gadamer: “*Schleiermacher foi o primeiro a, movido profundamente pelo espírito do romantismo, abrir o espaço mais amplo possível para o contexto do problema da compreensão*” (GADAMER, 2012: 202). Com toda razão, Schleiermacher é visto como sendo o primeiro a conceber uma hermenêutica de pretensão universal suficientemente sólida.

O que se coloca como objecto, na hermenêutica de Schleiermacher, não são mais as particularidades e especificidades da exegese bíblica ou da interpretação e compreensão filológicas, pois, o nível de debate ultrapassa as especificidades dos textos e das regras nas quais se dispersava a arte de compreender. Enquanto a hermenêutica era vista até Schleiermacher como uma construção de regras cujas partes, as regras particulares, eram mantidas num conjunto comum por causa do alvo de uma interpretação com validade universal, depois a problemática se volta a um ponto prévio, à própria análise do compreender.

A proposta hermenêutica de Schleiermacher opta em retirar do texto a reprodução da intenção original do autor. Entendendo que tudo que pode ser compreendido ocorre no seio da linguagem, dado que apenas nesta se manifesta o objecto a ser compreendido e a elocução do intérprete, elementos estes que, na sua interacção, são indispensáveis e essenciais para reconstruir a intenção original do autor nesta perspectiva: a interpretação gramatical e a psicológica. E esta linha de pensamento entende-se a partir da consideração de que:

Como todo discurso tem uma dupla relação, com a totalidade da linguagem e com o pensar geral de seu autor: assim também toda compreensão consiste em dois momentos; compreender o discurso enquanto extraído da linguagem e compreendê-lo enquanto fato naquele que pensa (SCHLEIERMACHER, 2002: 95).

A finalidade do pensamento hermenêutico de Schleiermacher é procurar criar condições para que a hermenêutica deixe de ser uma disciplina particular e seja considerada como uma disciplina geral sobre as condições de compreensão. Portanto, torna-se necessário o desenvolvimento de métodos que, se seguidos, poderão conduzir a uma compreensão objectiva não só de textos religiosos, literários ou jurídicos, mas de qualquer pensamento que possa ser reduzido por escrito.

Sendo importante referir que a construção teórica de Schleiermacher se apoia na concepção de que a compreensão de um determinado texto já sinaliza para uma circularidade hermenêutica, pelo que, a compreensão de algo se faz em uma dinâmica que já leve em conta o que já se conhece comparando tal saber a outros e organizando-os em círculos parciais. Deste modo, a parte sempre se põe em relação ao todo e vice-versa.

Contudo, embora Schleiermacher tenha tentado erradicar o problema das hermenêuticas particulares que centravam sua preocupação com o objecto de interpretação, contrapondo a essa tendência com a proposta da hermenêutica como uma ciência universal, Dilthey critica-o pelo facto deste não especificar como a sua teoria hermenêutica pode servir de fundamento para as ciências do espírito. Por isso, é a partir daí que Dilthey apresenta sua visão hermenêutica na qual esta área de saber passa a ser uma metodologia para a compreensão das ciências do espírito, também conhecidas como ciências das humanidades.

### **3. A Revolução diltheyana no debate filosófico sobre a hermenêutica**

Em Dilthey, o debate hermenêutico toma um novo rumo. A partir das influências epistemológicas dos seus antecessores, ele desenvolve uma teoria hermenêutica que possa ser objectivamente comprovável e, assim, reduzir um pouco o grau de descrédito no qual as ciências do espírito se encontravam face ao positivismo científico, devido a hegemonia dos métodos científicos presentes e próprios das ciências da natureza. Desta feita, enquanto as ciências da natureza teriam, para Dilthey, a função de explicar as causas de um fenómeno, as ciências do espírito visariam a função de compreensão do mundo e, para isso, a dimensão histórica da experiência se faz necessária.

Segundo Grondin (1999: 33) uma das maiores contribuições de Dilthey para a hermenêutica advém do facto deste autor apresentar a ideia da incompatibilidade da aplicação metodológica das ciências naturais às expressões históricas e culturais representadas pelas ciências humanas. De tal maneira que, partindo dessa observação, Dilthey realiza uma divisão conceptual e epistemológica, separando as ciências naturais e seu método explicativo das ciências humanas e atribuindo a estas últimas uma metodologia que privilegia a compreensão. Em outras palavras, Dilthey foi o primeiro a formular a dualidade de 'ciências da natureza e ciências do espírito', que se distinguem por um método analítico-esclarecedor e um procedimento de compreensão descritiva.

A hermenêutica diltheyana emerge com o intuito de encontrar fundamentos epistemológicos para as ciências humanas, fazendo face à expansão e hegemonia do método positivo das ciências naturais, mas sem com isso adentrar aos métodos vigentes no período em que estava inserido. A

distinção efectuada por ele entre compreensão e explicação torna-se bastante fundamental em seu projecto hermenêutico-filosófico, dado que, segundo ele, os conteúdos das ciências humanas dizem respeito aos elementos provenientes da própria vida, ou seja, necessitariam de um método próprio onde o ponto crucial seria a compreensão das expressões humanas. Por isso, o autor assegura que:

Certamente as ciências humanas têm em relação a toda forma de conhecimento da natureza a vantagem de que o seu objecto não é uma dada aparição nos sentidos – um simples reflexo de algo real na consciência – mas sim uma realidade interna imediata mesmo, e precisamente tal realidade como uma configuração vivencia a partir de dentro (DILTHEY, 2010a: 13).

Com base na dicotomia explicar/compreender, Dilthey defende a distinção metódica entre as ciências naturais e as ciências do espírito, tentando estabelecer através da sua hermenêutica a base de fundamentação epistemológica das ciências do espírito, com a finalidade de utilizá-la para alcançar uma interpretação objectiva e válida para as expressões da vida interior do homem.

Ao propor a hermenêutica como alicerce epistemológico apto a garantir uma interpretação objectivamente válida ao intérprete situado no campo de pesquisa das ciências do espírito, preocupando-se especificamente com o contexto da compreensão no âmbito das humanidades, Dilthey marca seus estudos sobre hermenêutica por indicar que a possibilidade de compreensão se dá dentro da história, e não fora dela (Cf. PALMER, 2006: 105).

À luz do que já se referiu, pode se considerar que, a partir de Dilthey a hermenêutica filosófica toma duas perspectivas distintas: a primeira, diz respeito ao seguimento de regras como a melhor maneira se desenvolver metodologicamente, dado que, caso este aspecto não acontecesse, a hermenêutica se desviaria das suas funções; a segunda, segue a via de desenvolvimento da compreensão enquanto processo das ciências humanas, pautando pela compreensão humana e histórica que é típica da vida da humanidade.

Assim sendo, a hermenêutica compreende a vida em várias formas de expressão que, de forma particular, visa recriar e ir a fundo nas experiências da vida. O que faz com que a interpretação e a compreensão se constituam como actividades próprias da vida.

Assim, “compreensão” não se refere à compreensão de uma concepção racional, como por exemplo a de um problema matemático. O termo “compreensão” é reservado para designar a operação na qual a mente capta “a mente” (Geist) de outra pessoa. Não é de modo algum uma operação puramente cognitiva da mente, é aquele momento muito especial em que a vida compreende a vida [...] A compreensão é portanto o processo mental pelo qual compreendemos a experiência humana viva (PALMER, 2006: 120).

A revolução hermenêutica de Dilthey faz com que a psicologia assuma uma importante função no entendimento dos fenómenos envolvidos na compreensão, afinal não seria possível subtrair-se à introdução arbitrária e fragmentária de pontos de vista psicológicos, se não se estabelecer como base, com consciência científica, uma apreensão clara da tessitura anímica. Ou seja, o acto de adentrar no mundo interior da vida humana se daria não por meio de uma introspecção sujeita à introdução arbitrária e selectiva de pontos de vistas psicológicos, mas sim através da compreensão das expressões da vida para permitir a decifração das marcas que o homem imprime aos fenómenos.

Enquanto alicerce epistemológico apto a garantir uma interpretação objectivamente válida ao intérprete, a hermenêutica filosófica forneceria regras universais para afastar arbitrariedade subjectiva de origem psicológica no acto de compreender. Portanto, Dilthey também marca na sua proposta hermenêutica a indicação de que a possibilidade de compreensão somente se dá dentro da história, e não fora dela, tentando romper com uma interpretação objectiva dos fenómenos vivenciais por um sujeito a-histórico. Isto é, para este filósofo hermeneuta, o homem não foge à história, pois ele é o que é, na e pela história.

## CAPÍTULO II: FUNDAMENTOS PARA UMA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA EM WILHELM DILTHEY

No presente capítulo abordam-se as principais bases teóricas propostas por Dilthey para a reformulação teórica sobre a dualidade das ciências, e por fim as metodológica das ciências humanas, que culmina com a hermenêutica enquanto método.

### 1. A Crítica da razão histórica enquanto alternativa ao método das Ciências Naturais

Após a apresentação do contexto histórico, social e científico no qual se desenvolve o pensamento hermenêutico de Dilthey, feita no capítulo primeiro, importa neste capítulo segundo procurar vislumbrar os principais argumentos apresentados pelo autor em epígrafe para fundamentar a sua teoria filosófica da hermenêutica, tomando como ponto de partida a inovação trazida por este autor no debate hermenêutico de forma geral.

Antes de mais, importa referir que Dilthey propõe o projecto de uma crítica da razão histórica com a intenção de buscar fundamentos epistemológicos das ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*) e elevá-las ao progresso e emancipação para fazer face às ciências naturais. Com isso, ele se aproxima do criticismo kantiano e, de alguma forma, o ultrapassa. Por isso, pode se considerar que Dilthey:

[...] admitia que seus estudos, ele os começara com ideias kantianas: a sua tese sobre o valor geral do conhecimento, a necessidade de verdades lógicas e matemáticas, o seu modo de fundar sobre elas as ciências físicas e naturais e de limitar o conhecimento à experiência. Ele afirmava que procurou em Kant o impulso que o animava. Mas, nunca aceitou que a realidade do mundo exterior, que o tempo e a vida, pudessem ser simples fenómenos. Ao resistir a esta ideia kantiana, Dilthey formulou a sua tese original: o pensamento não pode ir além da vida. Considerar a vida como uma simples aparência é uma contradição, pois é em seu transcurso do passado ao futuro, em sua história, que estão as realidades que constituem o valor da nossa vida. Ele concluiu: "essa é a minha tese fundamental: só se pode compreender a vida partindo dela mesma". Não há homem e objecto abstractos, desconectados do mundo dos homens, da história, pois continuaríamos ainda em plena metafísica. Eis aí expresso o carácter historicista do seu empreendimento teórico: fora da história nada e ninguém existe ou pode ser conhecido (REIS, 2003: 160).

A crítica da razão histórica pode ser entendida como uma tentativa diltheyana de propor algumas condições de possibilidade e os limites do modo histórico de conhecimento. Sendo que, a ideia de fundamentar as ciências do espírito toma como base a concepção segundo a qual existe a possibilidade de se conhecer a realidade histórica como uma totalidade articulada, que se vislumbra à ciência experimental como produto de diversos aspectos da vida humana. Desta feita, a ciência do espírito só deixa de ser abstracta quando confrontada e articulada com as demais formas de conhecimento, ou seja, ao atingir a consciência de sua parcialidade em relação ao conjunto das ciências e em relação à totalidade histórico-social de que é também parte.

A partir das considerações feitas, é possível considerar que, na sua empreitada pela fundamentação teórica e epistemológica das ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*), Dilthey elucida que o homem, no processo de construção do conhecimento, não constitui uma subjectividade pura e abstracta, transcendental. Portanto, no horizonte filosófico-hermenêutico da perspectiva diltheyana, o homem é constituído de uma subjectividade psíquica e histórica, concreta e temporal, ou seja, condicionadas pelas circunstâncias históricas que compreendem e determinam sua existência concreta. O que leva Reis, a referir que:

Dilthey pretendeu ultrapassar Kant ao propor a sua crítica histórica da razão. A sua "filosofia da vida" quis ser uma superação do racionalismo, do empirismo e do transcendentalismo. Ela quis encontrar a razão na realidade vivida, superando a antinomia da especulação e da vida. O kantismo mantinha a soberania do intelecto, único capaz de apreender o real. Mas, para a filosofia da vida, a forma é imanente ao dado intuitivo, a experiência imediata oferece mais certeza do que a evidência lógica. O método científico filosófico de Dilthey seria uma descrição pura, integral da vida. Uma recepção da vida tal como ela se apresenta. Uma descrição-analítica, que encontraria a razão imanente na intuição (*Ibidem*: 171).

A ideia da crítica da razão histórica em Dilthey leva a compreensão de que o termo ciências do espírito tem duas acepções. Numa primeira fase, refere-se a todas as ciências particulares, constituídas a partir da abstracção de algum aspecto, relevante para a vida humana, da realidade histórico-social; na segunda fase, que é a mais importante, as ciências do espírito são o conjunto, articulado numa teoria do conhecimento, de todas as ciências do espírito particulares, conjunto este que representa a imagem cientificamente obtida da realidade histórico-social, em relação à qual as diversas ciências do espírito particulares constituem um conhecimento parcial.

Em suma, as ciências do espírito, por serem produto da criação do ser humano, que é um ser histórico, não podem esgotar o conhecimento da história, pelo que se enquadram no seio da própria realidade histórico-social. Deste modo, conhecer historicamente é, pois, estabelecer uma teoria da realidade histórico-social que possa organizar o campo das ciências, mas que, ao mesmo tempo, possa se reconhecer como produto histórico do conhecimento científico. A crítica da razão histórica, proposta por Dilthey, mostra-se importante por desencadear permitem o enquadramento da compreensão histórica como objecto de estudo das ciências humanas. Assim, é possível verificar a importância que a história assume no pensamento diltheyano como parte estrutural de sua hermenêutica filosófica.

## 2. A Ideia de uma nova metodologia para as Ciências do Espírito

Sabe-se, conforme elucidado num dos pontos anteriores, que uma das maiores contribuições que Dilthey traz no debate hermenêutico diz respeito a ideia de incompatibilidade da aplicação metodológica das ciências naturais às expressões históricas e culturais que são objecto das ciências humanas. É em razão disso que este filósofo hermeneuta apresenta uma divisão conceptual e epistemológica, distinguindo as ciências naturais positivas e seu método explicativo das ciências do espírito, propondo a compreensão como sendo a base para a metodologia destas últimas.

Dilthey percebeu verdadeiramente a inconsistência epistemológica da pretensão à «objectividade» da «escola histórica» alemã, encarando-a como uma mistura acrítica das perspectivas idealista e realista. A experiência concreta, histórica e viva tem que ser o ponto de partida e o ponto de chegada dita *Geisteswissenschaften* [ciências do espírito] (PALMER, 2006: 105).

Nas ciências do espírito, diferentemente das ciências naturais, a interacção com o objecto não implica, necessariamente, a exclusão da mente do sujeito que o conhece, dado que, “[...] *é sempre o homem que constitui o objecto da investigação, ora como um todo, ora com seus conteúdos parciais tanto quanto em suas relações*” (DILTHEY, 2010a: 437).

Esta perspectiva demonstra a necessidade, para Dilthey, da fundamentação de uma metodologia própria das ciências do espírito, não implicando de modo nenhum uma ruptura para com a ideia de cientificidade defendida pelas ciências naturais. Portanto, é a partir desta visão que este autor



considera a hermenêutica como o fundamento epistemológico das ciências do espírito, com o intuito de utilizá-la para alcançar uma interpretação objectivamente válida para as expressões da vida interior do homem.

Para a fundamentação da metodologia das ciências do espírito também como base o entrelace de conceitos como a vida, história, hermenêutica e a psicologia enquanto uma ciência que se preocupa da realidade psíquica do homem na sua vivência. O que remete a ideia de que estas ciências têm como finalidade o estudo da vida do homem, que pode ser conhecida a partir do momento que o homem toma consciência do seu estado interno a partir da recordação, e exterioriza para conhecer o outro através de um método comparativo por analogia.

Deste modo, considerar a vida humana como cerne de análise dos estudos humanísticos pode permitir que esta seja compreendida no contexto da percepção externa, na expressão das obras literárias, particularmente na arte da linguagem, onde o autor não expõe a sua vida particular, mas a sua vivência, a sua historicidade.

Certamente as ciências humanas têm em relação a toda forma de conhecimento da natureza a vantagem de que o seu objecto não é uma dada aparição nos sentidos – um simples reflexo de algo real na consciência – mas sim uma realidade interna imediata mesmo, e precisamente tal realidade como uma configuração vivenciada a partir de dentro (DILTHEY, 2010a: 103).

A nova metodologia das ciências do espírito, proposta por Dilthey, toma em consideração o conjunto das experiências humanas particulares, para que as mesmas constituam a experiência geral da vida e, a partir da repetição regular destas experiências, pode formar-se uma tradição de expressões que com o passar do tempo fará com que a humanidade tenha conclusões das mesmas generalizações. Tudo o que no homem impera como costume, convenção e tradição, surge de semelhantes experiências vitais. E esta é para Dilthey a justificação da universalidade e objectividade das ciências espirituais alicerçadas pelo método de compreensão.

Dilthey, a propor uma nova metodologia para as ciências do espírito, vê também a relevância de se pensar num método que não coaduna com as categorias epistemológicas presentes nas

ciências naturais, onde mais se valorizava a explicação dos processos de causa-efeito, como sendo os elementos fundamentais que fazem parte da natureza física.

A partir desse facto, este filósofo hermeneuta encontra na compreensão e em seu carácter psicológico, os conteúdos das ciências humanas que dizem respeito a elementos internos, vivenciais e históricos da vida humana. É a partir desta linha de pensamento que a interpretação e compreensão aparecem como sendo o fundamento para a metodologia das ciências do espírito, fazendo da hermenêutica a área do saber onde se procuram regras para uma melhor compreensão da vida humana. Assim sendo, a hermenêutica em Dilthey é uma hermenêutica da vida. Pelo que, a interpretação e a compreensão se mesclam à existência humana.

A tarefa das ciências do espírito à luz da nova metodologia fundamentada na interpretação e compreensão consistirá, portanto, em dar sentido científico às manifestações da vida humana. Pois,

O método das ciências do espírito consiste na correlação constante das vivências e dos conceitos [...] quando coincidem estas duas funções de consciência científico-espiritual, aprendemos o essencial da evolução humana. Na consciência não deve haver nenhum conceito que não se tenha formado em toda a plenitude do reviver histórico (DILTHEY, 2002: 11).

A dinâmica da vida interior do homem é um conjunto complexo de cognição, sentimento e vontade. Por isso, Dilthey defende que estes factores não poderiam se submeter à rigidez do pensamento mecanicista e quantitativo da ciência da natureza (Cf. PALMER, 2006: 109). Porém, este aspecto, não faz com que o autor Dilthey rejeite a concepção segundo a qual toda a ciência possui um carácter experimental. Porém, para este autor, tal experiência apenas se dá em certo contexto, sendo que sua validade, em termos estruturais, está sujeita à consciência humana.

Segundo Grondin (1999: 148), considerando que todos os fenómenos externos, tanto objectos como pessoas, se encontram condicionados à consciência, Dilthey compreende que apenas uma reflexão psicológica está apta para fundamentar a objectividade do conhecimento das ciências do espírito. Assim sendo, a psicologia assume um importante papel no entendimento dos fenómenos envolvidos na compreensão, pois não é “[...] possível subtrair-se à introdução arbitrária e

*fragmentária de pontos de vista psicológicos, se não estabelecermos como base, com consciência científica, uma apreensão clara da tessitura anímica” (DILTHEY, 2002: 29).*

A capacidade de adentrar no mundo interno dos homens, isto é, na consciência, se dá não por meio de uma introspecção sujeita à introdução arbitrária e selectiva de pontos de vistas psicológicos, mas sim através da compreensão das expressões da vida para permitir a decifração das marcas que o homem imprime aos fenómenos.

Enquanto alicerce epistemológico apto a garantir uma interpretação objectivamente válida ao intérprete, a hermenêutica forneceria regras universais para afastar arbitrariedade subjectiva de origem psicológica no acto de compreender. Porque sabe-se que, os processos internos da vida humana não se explicam, mas compreendem-se no contexto de uma consciência histórica integral.

Portanto, como forma de evitar a parcialidade e superficialidade da metafísica e das ciências positivas-explicativas, urge a necessidade de recuperação da consciência histórica na produção do conhecimento.

### **3. O Papel da compreensão na fundamentação filosófica da hermenêutica**

No pensamento hermenêutico de Dilthey, a compreensão aparece como um dos elementos indispensáveis para a fundamentação filosófica da hermenêutica, isto porque, segundo o autor, o método explicativo, das ciências naturais, cria certos obstáculos para conhecer a dimensão espiritual da vida humana e seus desdobramentos históricos.

Por isso, na hermenêutica de Dilthey assim como na de Schleiermacher (2002: 16), o método da compreensão é visto como sendo capaz de garantir o conhecimento da história, da vida do homem até os objectos da natureza. Ou seja, Dilthey entende que a interpretação das expressões essenciais da vida humana, seja ela do domínio das leis, da literatura ou das Sagradas Escrituras, implica um acto de compreensão histórica.

A noção de compreensão diz respeito ao modo básico de orientação do homem no mundo histórico-social. A compreensão refere ao que ocorre no dia-a-dia na vida humana, e é a pressuposição básica sobre a qual se fundamentam as ciências do espírito. Com isso, Dilthey apresenta sua fundamentação das ciências do espírito em referência ao fenómeno da compreensão. *“E na compreensão partimos da textura do todo, que se nos oferece de um modo vivo, tornando-nos assim apreensível o singular. O facto de vivermos na consciência da conexão do todo permite-nos compreender uma proposição singular, um gesto ou uma acção determinada”* (DILTHEY, 2002: 57).

A compreensão, enquanto tal, ocorre no meio da dimensão histórica, o que exige de um hermeneuta a tomada de consciência de que, em cada tempo, em cada momento histórico, as visões de mundo podem ser, ou serão, diferentes do momento actual, o que indubitavelmente pode trazer algumas limitações para qualquer ambição objectivamente por parte da hermenêutica.

A compreensão pode também ocorrer em três dimensões. Primeiro, o homem compreende as situações historicamente, isto é, a partir de sua inserção histórica. Segundo, a compreensão tem uma dimensão análoga à dimensão teórica das ciências do espírito, em que o homem se vale de suas crenças, historicamente determinadas, para se situar no mundo. Com base nisso, compreender implica avaliar situações a partir de certas crenças, que estão implicadas na própria estrutura histórica da compreensão. Terceiro e último, a compreensão resulta na tomada de decisões e na formação de juízos de valores.

Em relação a forma como acontece o processo da compreensão, Dilthey defende o seguinte: *“Nós denominamos o processo em que conhecemos algo interior a partir de sinais que são apreendidos de fora através dos sentidos compreender”* (DILTHEY, 2010a: 113). Dito de outro modo, considerando que as ciências humanas têm como alicerce elementos ligados à vivência interna, a grande dificuldade para se encontrar um fundamento seria o modo de objectivar estes conteúdos, mas, conforme citado acima, é por meio do conhecimento dos sinais expressos pelas vivências individuais que a compreensão ocorre. Longe de ser meramente apenas um acto cognitivo, ou puramente racional, compreender é o resultado de um momento em que se entende

as vivências individuais pela própria vida. Por isso, o objecto mais vasto da epistemologia das ciências do espírito é, a análise do fenómeno da compreensão.

Nas abordagens de Dilthey sobre a compreensão é notória a influência do projecto hermenêutico de Schleiermacher, sobretudo, no que refere a dimensão psicológica da compreensão. Porém, contrariamente a perspectiva de Schleiermacher, Dilthey postula que no momento em que se buscasse compreender uma vivência individual outrora exposta na arte, literatura, etc., ou seja, nos elementos presentes nas ciências humanas, o resultado não seria apenas a compreensão de um autor e sua realidade, mas o próprio sujeito que interpreta passaria a ter a possibilidade de compreender a si mesmo, pelo que, *“A compreensão abre-nos o universo das pessoas individuais, e portanto abre também possibilidades para a nossa própria natureza”* (PALMER, 2006: 121).

Compreender, então, parece estar menos próximo de ser um processo de relação entre interno e externo, e mais próximo de ser um processo de relação da experiência interna como um conjunto, envolvendo a experiência externa como um de seus aspectos. Aqui temos a concepção de Dilthey de compreensão do significado das coisas em termos do contexto. Razão pela qual, o autor fala da compreensão interna e externa. Onde a primeira, a compressão interna, diz respeito ao processo de auto compreensão. Ou seja, o sujeito compreende-se a si próprio, através de uma percepção da qual não é possível duvidar dos seus estados internos. E a segunda, a compreensão externa, ocorre mediante a apreensão de outras pessoas, por meio do processo espiritual equivalente a um raciocínio por analogia. Através do qual, o sujeito passa a conhecer os outros, identifica-se com o processo cognitivo, vontade, sentimento, liberdade. Sendo a capacidade de vivenciar os estados próprios de cada um a condição que permite a compreensão do mundo exterior.

### CAPÍTULO III: A HERMENÊUTICA FILOSÓFICA ENQUANTO REINserÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

Neste capítulo procura-se apresentar a pertinência do enquadramento da crítica da razão histórica diltheyana no debate filosófico-hermenêutico e o envolvimento no historicismo convergindo com o mundividencia virada a vida.

#### 1. O Contributo da historicidade na hermenêutica de Dilthey

Segundo Bleicher (1992: 155), a ideia sobre a historicidade não aparece como uma limitação das ciências humanas, mas sim como condição de possibilidade da compreensão. Ou seja, para que haja a compreensão nas ciências humanas, é imperioso que hajam preconceitos, que surjam dentro de um contexto histórico e que, se manifestam como condições transcendentais da compreensão. Por isso, Dilthey atribui à teoria da história nascente a seguinte qualidade: *“Na medida em que reconhece sem restrição a relatividade de tudo aquilo que é dado humana e historicamente, ela tem a tarefa de conquistar, a partir da matéria daquilo que é dado, um saber objetivo sobre a realidade espiritual e sobre o nexos de suas partes”* (DILTHEY, 2010b: 68).

A historicidade pode ser vista como sendo a consciência crítica que procura enquadrar os vários tipos de conhecimentos existentes. Esta forma de pensar advém do facto de que, na consciência do humana, não deve haver nenhum conceito que não se tenha formado na história, assim como só se consegue compreender totalmente um indivíduo, por muito chegado que nos seja, quando se sabe como chegou a ser o que é. (Cf. DILTHEY, 2002: 109).

Assim sendo, a ideia de historicidade remete a questões como a exaltação da interioridade humana e, de igual modo, ao conhecimento que passa a ser entendido como interpretação de situações em que o homem compreende a si e aos outros somente com base na interpretação histórica.

A questão da historicidade na hermenêutica de Dilthey apresenta-se também como questionamento do valor cognitivo das realizações e a possibilidade do saber objectivo em termos de ciências humanas, onde destaca-se o conceito de ‘mundo histórico’ que está ligado as

conexões de efeito imanentes às vivências individuais. No processamento de interações individuais há um sentido, uma teleologia decorrente das vivências. O mundo histórico como um todo é a conexão destes efeitos individuais, que resulta nos sistemas culturais e no movimento histórico das épocas e das nações. O mesmo cria condições favoráveis para o desenvolvimento de valores e finalidades na história da humanidade.

O mundo histórico como um todo, esse todo como uma conexão de efeitos, essa conexão de efeitos como dotadora de valores, estabelecadora de fins, em suma, criadora; em seguida, a compreensão dessa totalidade a partir desse mundo mesmo; e, por fim, a centralização dos valores e fins nas eras, nas épocas, na história universal (DILTHEY, 2010b: 121).

Nas suas abordagens sobre a contribuição da historicidade na hermenêutica, Dilthey primeiro toma em consideração o decurso histórico ou o movimento do tempo histórico, sem deixar de lado, contrariamente aos metafísicos, a natureza da relação de temporalidade entre futuro, presente e passado. Para ele a realidade não diz respeito somente a um conjunto simples de aparências, representações, e abstrações simbólicas, o que implica que ele leva em consideração o lugar do percurso histórico, pois esse movimento que segue o curso do passado ao futuro não é um tempo dividido nem mesmo um tempo da filosofia da história que recusava o passado tentando superá-lo em prol do progresso de um futuro com fins na plenitude da felicidade universal.

Para Dilthey, o percurso passado-futuro, a história, seria a verdadeira realidade do mundo que constitui todo valor da vida. Razão pela qual se entende que: “*só se pode compreender a vida partindo dela mesma*” (DILTHEY *apud* REIS, 1989: 73).

É a partir da sua *Crítica da Razão Histórica* que Dilthey, contrariamente à *Crítica da Razão Pura* de Kant, onde esboça a sua tese, segundo a qual o pensamento não pode ir além da vida. Ele procura criar directrizes para os fundamentos epistemológicos das ciências morais, uma filosofia da vida. Ele absteve-se de alicerçar seus conhecimentos na problemática ou na relação filosófica original entre sujeito e objecto, em prol de uma realidade histórica viva, onde prevalece o facto concreto das ciências do espírito. Mas, por outro lado, ele também reconhece

que tentava encontrar em Kant o impulso que o animava. Porém, mesmo com isso, para Dilthey em Kant ainda não aparecia o ‘sujeito vivo’ agindo na história, era uma filosofia do abstracto que concebia teoricamente também um ‘sujeito abstracto’.

Para Dilthey, somente as ciências históricas têm, por um lado, a capacidade de aferir algo digno de confiança sobre a complexidade da realidade humana. O que quer dizer que compreender o movimento da consciência histórica, como fenómeno psicológico, segundo este filósofo hermeneuta, implicaria num estudo histórico com intenções filosóficas, que partia, inevitavelmente, de uma reflexão teórica que advém de resultados concretos de uma pesquisa.

Dilthey queria, partindo da velha tradição filosófica, propor não mais que uma teoria da história que pudesse abarcar a história universal diferente daquela prestada pela Escola Histórica, ou que pudesse teoricamente dar conta das inconstâncias do quotidiano. Por outro lado, aos filósofos da história ele sugeria que também fosse dever em suas reflexões estudar como o historiador a matéria dos elementos históricos da vida humana.

A historicidade à luz das ciências do espírito, mostra que só se tratando de uma experiência interna para que se pode, efectivamente, chegar às expectativas do sujeito verdadeiramente universal, constituindo em si o próprio objecto histórico. Deste modo, a estrutura interna do fenómeno espiritual se diferencia da natureza porque *“a vida psíquica é uma unidade”* (DILTHEY, 2010b: 246).

Assim sendo, as ciências humanas, cujo alicerce é a história, compreendem que em cada indivíduo há uma unidade psíquica, no qual cada parte dessa unidade passa a compor algo mais vasto, como a sociedade, mais ampla. Nesse caso, o homem como ser moral e histórico, para Dilthey jamais poderia corresponder às intenções das ciências naturais.

O conteúdo do tecido vivo da realidade histórica excluiria qualquer possibilidade de explicação pelo viés da teoria física. Para Dilthey, todo dado exterior seria uma construção feita pelo próprio sujeito. Com isso, ele reforça o problema do objecto existente entre as ciências históricas e as naturais, entre os factos morais e factos físicos.



Conforme elucidado anteriormente, muito embora em Dilthey já se faça presente considerações iniciais sobre uma possibilidade de compreensão situada dentro dos estudos humanísticos e assumindo, de certa forma, o elemento da historicidade na interpretação, o seu pensamento ainda estava voltado para técnicas práticas para a condução do sujeito ao real e verdadeiro sentido do texto.

Contudo, a historicidade apresenta importância crucial na hermenêutica de Dilthey, pelo que, é na base da sua interpretação que as ciências de espírito procuram fazer uma exteriorização das manifestações subjectivas da vida, diferentemente das tradições filosóficas que se preocuparam em reflexões explicativas sobre as leis que regulam os objectos externos da natureza.

A hermenêutica da historicidade permite, portanto, o conhecimento do que a vida tem de comum diante das várias e diferenciadas expressões teóricas das concepções do mundo, mundividências, que as tradições filosóficas se preocuparam em explicar ao longo da história, mas que não chegaram a nenhum consenso porque se afastaram da história e da vida em geral.

## **2. O Alcance da mundividência à luz da hermenêutica filosófica**

Na compreensão de Grondin (1999: 151), o conceito de mundividência, nas abordagens hermenêuticas de Dilthey, mostra o facto de que a dinâmica da vida interior emerge como um conjunto complexo de cognição, sentimento e vontade, factores estes que não se sujeitam às normas de causalidade e à rigidez de um pensamento mecanicista e quantitativo. Desta maneira, o objectivo das ciências humanas não pode ser a compreensão da vida em termos de categoriais exteriores à vida, mas deve ser a partir de categorias intrínsecas, isto é, a vida só pode ser compreendida a partir da própria experiência de vida.

Todavia, a noção de vivência aparece como indispensável para a compreensão da hermenêutica diltheyana, pois a ponte da vivência constrói o conceito de compreensão para as ciências humanas, isto porque, não é pelo objecto que as ciências humanas se diferenciam das ciências naturais, e sim pela relação diversa que possui com o objecto.

A questão da mundividência ou cosmovisão não é um debate exclusivo do hermeneuta Dilthey, pois alguns autores discutem acerca desta temática e abordam de forma semelhante e até mesmo diferente da que ele usou. James Sire, de forma bastante precisa, resume a concepção de Dilthey afirmando que “[...] Dilthey concebe cosmovisão como um conjunto de categorias mentais resultantes da profunda experiência de vida que determinam essencialmente como uma pessoa entende, sente e responde ao que percebe no mundo à sua volta e aos enigmas que ele apresenta” (SIRE, 2012: 41).

Nas suas abordagens sobre a mundividência Dilthey elucida de forma clara esses tópicos para que se tenha uma compreensão adequada do conceito. Em seu ensaio sobre a teoria das cosmovisões, ele debruçasse em torno da noção de ‘enigma da vida’ a fim de compreender questões últimas, que só podem ser compreendidas nas próprias vivências, considerando que “[...] sobre a base das experiências da vida em que são operantes as inumeráveis referências vitais dos indivíduos ao mundo têm lugar, em tais mundividências, as tentativas de solução do enigma da vida” (DILTHEY, 1992: 14). Para este filósofo hermeneuta é importante compreender, observando a simplicidade do cotidiano das pessoas, a busca que elas têm sobre o sentido da vida.

A partir do conceito de mundividência percebe-se que a visão diltheyana ao observar a questão do enigma da vida compreende que a mente humana tem certas visões e percepções sobre o mundo e as mesmas variam, pelo que, tudo que está ao seu redor a influencia para um determinado resultado final. O modo como se percebe e interage com o mundo dado, forma as diferentes respostas para o problema do enigma da vida. Assim, a compreensão de mundo que cada pessoa tem estará ligada ao mundo ao seu redor e às percepções individuais. Sendo que, nessa relação do ser humano com o mundo ao seu redor.

Dilthey nota a existência de uma estrutura que é particular. Ou seja, “*Todas as mundividências, ao empreenderem proporcionar uma solução completa do enigma da vida, contém, regra geral, a mesma estrutura*” (DILTHEY, 1992: 15). Em função disso, o autor reafirma a importância da história na construção da cosmovisão.

As mundividências desenvolvem-se em condições diversas. O clima, as raças, as nações determinadas pela história e pela formação estatal, as

delimitações de épocas e períodos temporalmente condicionadas, em que as nações entre si cooperam, congregam-se para gerar as condições que actuam na origem da multiplicidade das concepções do mundo. A vida que brota em condições tão especializadas é muito diversificada, e assim o é também o próprio homem, que apreende a vida (DILTHEY, 1992: 17).

O conceito de mundividência, portanto, apresenta-se como sendo fundamental para a compreensão do modo como as teorias filosóficas são formadas e construídas. Desta feita, mundividência é o percurso histórico em que certa ideia filosófica é pautada. Pois, todo ser humano está mergulhado em um mundo histórico, determinado por inúmeras circunstâncias que determinam seu pensar. Artur Morão entende que *“toda a mundividência é produto da história”* (DILTHEY, *Op. Cit.*). Por isso, na construção do seu pensamento hermenêutico-filosófico, Dilthey defende a importância da história, porque tudo que é produto do homem é feito em um mundo histórico, portanto, tudo é histórico, o homem é, em certo sentido, um produto histórico. Essa concepção mostra que esse homem está partindo sempre de um ponto de vista dentro da história, pois faz parte desse todo histórico que o precede.

Enfim, a hermenêutica configura-se como elemento-chave para o alcance da mundividência por esta permitir que se indague sobre as razões das diferentes teorias das concepções do mundo, que são suscitadas pelos filósofos ao longo da história, apesar do mundo ser único e com aspectos comuns em toda a parte. Com isso, a hermenêutica, com base nas mundividências, pode permitir que, tomando como base a história, se descreva como, ao longo de tempo e espaço, diferentes concepções de mundo se apresentam de modo que se faça uma reflexão crítica do relativismo histórico.

### **3. Por uma hermenêutica filosófica virada para a compreensão da Vida**

Os conceitos de historicidade e vida fazem engendrar a ideia da consciência histórica, que, por sua vez, faz com que haja a compreensão do mundo, no geral, e da vida, de forma especial, tendo como base a temporalidade. Esta forma diltheyana de pensar permite que se alargue o horizonte hermenêutico abrangendo compreensão da vida, que é o contexto da interpretação das ciências

do espírito. O que implica que, no debate das ciências do espírito o conceito ‘vida’ é compreendido como uma significação empírica em detrimento de elaborações transcendentais. Sendo que, as compreensões do mundo, a referência do fazer e agir humanos, dirigem-se em última instância para a vida.

A fundamentação mais profunda da posição autônoma ciências humanas ao lado das naturais, é uma posição que se mostra na presente obra como o ponto central da construção das ciências humanas, realiza-se gradualmente, na medida em que se leva a termo a análise da vivência conjunta do mundo espiritual em sua incomparabilidade com toda a experiência sensível sobre a natureza (DILTHEY, 2010a: 20).

À luz da perspectiva acima citada, entende-se que Dilthey procura vislumbrar que o ponto de partida para a hermenêutica é a vivência. Que designa a própria vida dos fenómenos, realidade absoluta que garante a correlação entre a consciência e seus objectos em um contexto efectivamente histórico. A partir disto, pode-se aceitar que, assentadas nas vivências do espírito, as ciências humanas se encontram no horizonte humano que lhes é próprio.

Ao reflectir filosoficamente sobre o conceito de vida, Dilthey tem em conta o pressuposto de que está em causa uma realidade que não pode ser contida, limitada e reduzida de modo a ser tomada como objecto. Pois trata-se de uma estrutura na e pela qual estão em convergência diversos aspectos da existência humana concreta no vir a ser próprio da história, sendo a vida a expressão máxima de toda a acção do homem no mundo. De forma que, *“A unidade psicofísica da vida se conhece a si própria pela mesma relação dupla entre vivenciar e compreender, tomando consciência de si mesma no presente e encontrando-se na memória como algo do passado”* (DILTHEY, 2010c: 146).

Na visão de Dilthey, a vida reflecte a espontaneidade e criatividade que se observam no horizonte das vivências humanas, de modo que somente pode ser conhecida pelo meio da objectivação do pensar, o que implica, necessariamente, em estabelecer a validade objectiva do pensamento humano. Ou seja, a vida antecede qualquer tipo de normatividade, isto é, ela representa aquilo que se manifesta como possibilidade criativa que se desvela na espontaneidade do acto de existir. A existência humana é marcada pela abertura, o que expressa movimento e possibilidades que se revelam no próprio acto existencial, isto é, no acto da existência fática.

Toda e qualquer normatividade característica do viver em sociedade, os conflitos e tensões que afluem a existência humana no mundo, exprimem a consciência de um tempo histórico, de uma época e segundo nexos de sentido que lhes são próprios. Outrossim, os limites da condição humana no mundo e as contingências e tensões que surgem das relações humanas em seu horizonte histórico concreto não podem conter a vida naquilo que ela tem de singular, a saber, a sua potencialidade criadora, sua abertura para o reinventar-se diante das circunstâncias e necessidades que possam emergir das vivências e experiências do homem no mundo.

O transcurso da vida é constituído por partes, por vivências que se encontram em uma conexão interna umas com as outras. Cada vivência particular está ligada a um si mesmo, do qual ela é parte; por meio da estrutura, cada vivência particular está ligada com outras partes e forma uma conexão; Em tudo aquilo que é espiritual, encontramos uma conexão; assim, a conexão é uma categoria que emerge da vida. Nós apreendemos a conexão em virtude da unidade da consciência. Essa unidade é a condição sob a qual toda apreensão se encontra; mas está claro que a ocorrência de uma conexão não poderia surgir do mero facto de uma multiplicidade de vivências ser dada à unidade da consciência. É somente porque a própria vida é uma conexão estrutural, na qual as vivências se encontram em relações vivenciáveis, que nos é dada uma conexão da vida. Essa conexão é apreendida como uma categoria abrangente, que é um modo de enunciado acerca de toda realidade afectiva – como a relação do todo com as partes (DILTHEY, 2010b: 173).

A concernência vital, seja ela restrita a um momento dado, seja ela duradoura, transforma esses homens e esses objectos para a consciência humana em portadores de felicidade, em ampliação de existência, em elevação de força ou, então, eles restringem nesse interesse o campo de jogo de existência, exercendo uma pressão sobre o homem e diminuindo sua força.

A alternância dos estados, uma alternância proveniente da concernência vital, corresponde aos predicados que, portanto, as coisas só obtêm concernência vital com o homem. Nisso se verifica que a concepção diltheyana acerca da vida postula um horizonte de conexões que colocam a existência humana na perspectiva de uma abertura. Isto implica, ainda, que, no campo de uma formação humana, as relações intersubjectivas pelas quais se dá o processo formativo se devem ao alargamento e elevação da consciência dos homens frente a tal processo.

O conceito de vida representa também a expressão daquilo que se vivencia na experiência concreta da existência humana, a qual se desvela na apreensão de si mesma. Porém, nesse processo de manifestação da vida, sempre há algo de latente em decorrência da própria condição de circunstancialidade e contingência histórica no processo epistemológico em que se dá o conhecer. Por isso, o filósofo e hermeneuta, Dilthey, considera que toda experiência vivida consiste numa unidade que se sustenta a partir de um nexos de sentido comum. Sendo que,

A expressão vida significa aqui, em primeiro lugar, aquilo que para cada um é o mais conhecido, o mais íntimo. O que é a vida está dado na experiência. Nós a vivenciamos, e ainda assim ela é para nós um enigma. Mas nós sabemos como ela se comporta e como se caracteriza. Ela está onde existe uma estrutura que vai do estímulo ao movimento. Esse progresso do estímulo ao movimento está por toda parte ligado a um fenômeno orgânico. Nessa estrutura, que vai do estímulo ao movimento, como que se encontra o segredo da vida. A unidade da vida está sempre na conexão dessa estrutura (DILTHEY, 2010c: 97).

A partir da perspectiva diltheyana da hermenêutica filosófica virada para a compreensão da vida, compreende-se, portanto, que o conceito de vida se faz compreender pela apreensão de seus nexos de ligação e sentido entre o todo e as partes, e as partes e o todo. Em razão disso, a vida é apreendida por meio das experiências concretas vividas pelo indivíduo, isto é, pela própria consciência do homem. Diante disso, as vivências assumem função epistemológica no pensamento diltheyano, na medida em que apenas se faz possível compreender a vida no horizonte de sua manifestação, das expressões que, por sua vez, desvelam à consciência humana o seu próprio existir no mundo.

Em linhas gerais, é possível constatar que, à luz da perspectiva diltheyana, as vivências estão em íntima conexão com as experiências que o homem vivencia ao longo de sua existência concreta. No entanto, há uma distinção entre as experiências que agregam nexos de sentido e ampliam a consciência interna do homem, e aquelas que transcorrem de modo natural, não exigindo qualquer tipo de reflexão ou auto-reflexão por parte do homem no processo de conhecimento.

## CONCLUSÃO

Olhando para os pontos principais das reflexões de Wilhelm Dilthey sobre o enquadramento da crítica da razão histórico debate hermenêutico, buscou-se responder ao problema central deste trabalho que visa analisar a forma pela qual as bases epistemológicas do historicismo podem ser pertinentes para a fundamentação da metodologia das ciências do espírito.

Com isto, compreende-se que Dilthey contribuiu para alargar o horizonte da hermenêutica colocando-a no contexto da interpretação dos estudos humanísticos e isto satisfaz dois objectivos básicos: em primeiro lugar, focou o problema da interpretação num objecto com estatuto fixo, duro e imutável, de forma que os estudos humanísticos pudessem ofertar um conhecimento objectivamente válido, pois o objecto em si seria relativamente imutável; em segundo lugar, Dilthey apela para modos históricos de compreensão, mais do que para modos científicos, a fim de que só se pudesse compreender em referência à própria vida em toda a sua historicidade e temporalidade.

A partida proposta epistemológica de Dilthey a hermenêutica se põe no horizonte da historicidade e se colocam fundamentos como a temporalidade e a compreensão como elementos endógenos da hermenêutica. Sendo que, no que refere ao papel da história na hermenêutica filosófica, Dilthey apresenta dois significados, a saber: em primeiro lugar, que o ser humano não se compreende pela introspecção, mas, sim, por meio de objectivações da vida, pois, o que o homem é, só a história pode dizer. Em segundo lugar, significa que a natureza humana não é e nem se apresenta como uma essência fixa.

Daí que, na teoria hermenêutica diltheyana, o homem é visto em dependência relativamente a uma interpretação constante do passado e, assim, quase se poderia dizer que o homem é o animal hermenêutico que se compreende a si próprio em termos de interpretação de uma herança e de um mundo partilhados que o passado lhe transmite.

Na hermenêutica diltheyana, em paralelo à historicidade, é também necessário compreender a temporalidade, pelo que, num sentido existencial, o tempo surge como uma unidade mínima de compreensão das vivências em seus três estados: passado, presente e futuro, de maneira a

constituir uma presença na qual a vida se entende como uma unidade de sentido. Portanto, o carácter hermenêutico da presença se resume na unidade de sentido e na confluência entre o passado vivido, o presente que o combina e o futuro como possibilidade de realização. Ao contemplar o futuro, este indica a possibilidade de uma acção aberta em respeito ao presente, a liberdade.

Contudo, a hermenêutica filosófica de Dilthey leva a discussão sobre o estatuto de cientificidade das ciências do espírito para outro patamar, pois, ao estabelecer um objecto e método específico para as ciências humanas, ele reordena as relações entre ciências do espírito e ciências da natureza. Graças as reflexões hermenêuticas de Dilthey, e à crítica da razão histórica por ele realizada, as ciências do espírito não são mais consideradas como ciências de segunda classe e que deveriam estar subordinadas as ciências da natureza.

É notável essa preocupação, tendo em vista todas as suas obras, inclusive, a que ficou mais conhecida, a saber, sua *Introdução as ciências do espírito*. Ao desenvolver a tese do mundo como um facto construído à luz do enigma da vida e das relações entre os seres humanos, Dilthey mostrou a importância das ciências do espírito para a vida como um todo.

A partir do que se disse, pode-se enfatizar que o pensamento diltheyano torna o conhecimento nas ciências do espírito um conhecimento que tanto tem objectivos de ser fundamentado cientificamente, ou seja, com o estabelecimento de um conjunto de proposições metódicas e epistemológicas universais. Quanto à fundamentação de um conhecimento que se funda numa percepção dos conteúdos sensíveis da vida em seu estado bruto, em suas manifestações quotidianas. Na sensibilidade pura das relações intersubjectivas, e ao mesmo tempo nas relações com a natureza. Relações estas que doam um significado a cada objecto da percepção.



## APÊNDICE – Vida e obras de Wilhelm Dilthey

Segundo Japiassú e Marcondes (2001:55) Wilhelm Dilthey (1833-1911) é um filósofo hermenêutico, psicólogo, historiador, teólogo, sociólogo e pedagogo, nasceu em Biebrich-Mosbach, próximo a Wiesbaden, na Alemanha, no dia 19 de Novembro de 1833. Filho de um teólogo da Igreja Reformada, estudou Teologia na Universidade de Heidelberg e Filosofia na Universidade de Berlim. Começou a frequentar a Universidade de Berlim em 1863. Depois de formado leccionou em escolas secundárias, em Berlim, mas logo passou a se dedicar às pesquisas acadêmicas. Em 1864 iniciou o doutorado em Berlim.

Diplomado com 24 anos, tornou-se professor da Universidade de Basileia. Durante esse período, sob influência do clima positivista que dominava a filosofia alemã. Dialoga e aprofunda o pensamento de Kant, Hegel, John Locke, Auguste Comte, Stuart Mill, Schleiermacher e outros. Em 1866 foi nomeado para a cadeira de Filosofia na Universidade da Basileia, na Suíça. Em 1868 conquistou a cátedra de Filosofia na Universidade de Berlim, antes ocupada por Hegel.

Além de extensos estudos sobre a história da Filosofia e da Literatura, dedicou-se também às pesquisas na área da Sociologia, Etimologia e Psicologia. Elaborou uma teoria do conhecimento para as ciências do espírito, com destaque para o conhecimento histórico, criando um sistema que foi chamado de historicismo. O primeiro trabalho teórico publicado por Dilthey foi *Introdução às Ciências do Espírito* (1883), no qual fez uma distinção entre ciências da natureza e ciências do espírito, ou ciências humanas, que teria como objectivo o homem e o comportamento humano, causando polémicas e discussões dentro do pensamento filosófico.

Além da obra acima mencionada, Dilthey publicou outras obras e artigos científicos, onde destacam-se: *Tipos de concepções do mundo*, *Ideias Sobre uma Psicologia Descritiva e Analítica*, *Psicologia da Compreensão*, *Essência da Filosofia*. Wilhelm Dilthey faleceu em Schlem, Itália, no dia 1 de Outubro de 1911. Sendo que, a publicação póstuma de suas obras contribuiu para a implantação do estudo das ciências humanas nas universidades da Suíça e da Alemanha.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### a) Obras do autor

DILTHEY, Wilhelm. (2011). *Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro, Via Verita.

\_\_\_\_\_.(2010<sup>a</sup>). *Introdução às ciências humanas: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro, Forense Universitária.

\_\_\_\_\_. (2010b). *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*. Trad. Marcos Casanova. São Paulo, Unesp.

\_\_\_\_\_.(2010c). *Filosofia e educação: textos selecionados*. (Org.) AMARAL, Maria N. de C. P. São Paulo, Edusp.

\_\_\_\_\_. (2002). *Psicologia e compreensão: ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica*. Lisboa, Edições 70.

\_\_\_\_\_. (1992) *Teoria das concepções de mundo*. Lisboa, LusoSofia Press,.

### b) Sobre o autor

IMAZ, E. (1946). *El pensamiento de Dilthey*. México, El Colegio de México.

REIS, José Carlos. (2003). *Wilhelm Dilthey e a autonomia das ciências histórico-sociais*. Londrina, Eduel.

REIS, A. (1989). *Dilthey, origens da hermenêutica: plano de constituição da obra estruturação do mundo histórico pelas ciências do espírito*. Lisboa, Rés-editora.

### c) Complementares

BLEICHER, Josef. (1992). *Hermenêutica contemporânea*. Lisboa, Edições 70.

CASANOVA Marco. (2010). A. *Apresentação*. In: DILTHEY, Wilhelm. *Introdução às ciências humanas*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.

FIGAL, G. (2007). *Oposicionalidade: o elemento hermenêutico e a filosofia*. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis, Vozes.

GRONDIN, Jean. (1999). *Introdução à hermenêutica filosófica*. Trad. Benno Dischinger. São Leopoldo, UNISINOS.

GADAMER, (2012). *Hermenêutica em retrospectiva*. Trad. Marco Antônio Casanova. 2. ed. Petrópolis, Vozes.

.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. (2001). *Dicionário básico de filosofia*. 3. ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

PALMER, Richard. (2006). E. *Hermenêutica*. Trad. Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa, Edições 70.

PEREIRA, Rodolfo Viana. (2001). *Hermenêutica filosófica e constitucional*. Belo Horizonte, Del Rey.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. (2002). *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. 4. ed. Bragança Paulista, Editora Universitária São Francisco.

SIRE, James W.(2012). *Dando nome ao elefante*. Brasília, Monergismo.

Revista científica cessado no dia 20 de dezembro de 2022